

A influência das habilidades sociais no envolvimento de mães e pais com filhos com retardo mental

**Alcides Cardozo
Adriana Benevides Soares**

Resumo: O estudo teve como objetivo comparar e correlacionar indicadores de habilidades sociais e do envolvimento de pais com filhos portadores de retardo mental. Participaram 27 casais com filhos portadores de retardo mental. Os pais responderam os questionários “Critério Brasil”, “Qualidade da interação familiar na visão dos pais” e “Inventário de habilidades sociais” (IHS – Del Prette). Houve diferença significativa no “Inventário de habilidades sociais”; para o F1, enfrentamento e autoafirmação com risco, as médias dos pais foram superiores as das mães e para o F3, conversação e desenvoltura social, as médias das mães foram superiores as médias dos pais. As mães mostram-se mais envolvidas na educação dos filhos. Foram encontradas correlações entre cuidados dispensados aos filhos e assertividade e também entre expressão de sentimentos positivos e cuidados com o filho evidenciando a influencia das habilidades sociais no envolvimento de pais com seus filhos.

Palavras-chave: Habilidades sociais; envolvimento pais-filhos; retardo mental.

The influence of social skills on the involvement of mothers and fathers with their mentally retarded children

Abstract: This study aimed to compare and correlate indicators of social skills and the engagement of parents having children with mental retardation. The sample included 27 couples living with their children, with mental retardation. The parents answered the questionnaires “Criterion Brazil”, “Quality of family interaction on parent viewpoint” and “Social Skills Inventory (IHS – Del Prette). There was significant difference in the “Inventory of social skills”; for F1, coping and self-assertion at risk, the average of fathers were higher than those of mothers, and for the F3, conversation and social performance, the averages of the mothers were higher than the average of fathers. Mothers are more involved in children education processes. Correlations were found between care provided to children and also between assertiveness and expression of positive feelings and care for the child. This shows the influence of social skills in engaging parents with their children.

Key words: Social skills; parents-children involvement; mental retardation.

Introdução

Os estudos e a aplicação dos saberes referentes às habilidades necessárias nas relações interpessoais caracterizam um campo teórico-prático denominado Treinamento de Habilidades Sociais (THS), que inclui um conjunto de estratégias que podem ser aplicáveis à superação de déficits de comportamentos e tem o propósito de minimizar dificuldades interpessoais e promover comportamentos socialmente competentes (Del Prette & Del Prette, 2005). Na base da construção das relações sociais está a interação entre o indivíduo e o ambiente social. Pessoas socialmente habilidosas promovem interações sociais mais satisfatórias (Caballo, 2003).

Em diversos contextos onde as situações interpessoais ocorrem são esperados determinados desempenhos que exigem um amplo repertório de habilidades sociais do indivíduo. É na infância principalmente que estes desempenhos são aprendidos.

A infância e a adolescência são períodos críticos e decisivos para se aprender habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2002; Salvo, Mazzarotto & Löhr, 2005). Segundo esses autores, o ambiente familiar, o envolvimento e a participação dos pais na educação dos filhos são fundamentais, pois a família representa um dos contextos mais básicos e nucleares da relação organismo-ambiente. As condições familiares de educação dos filhos, (Garcia-Serpa, Del Prette & Del Prette 2006), chamadas práticas parentais, são entendidas como formas de relacionamento estáveis de comportamento que os pais emitem quando interagem com seus filhos. Del Prette e Del Prette (2004) e Bolsoni-Silva e Marturano (2008) propõem a análise dessas práticas parentais a partir do conceito de habilidades sociais educativas (HSE), e as definem como intencionalmente voltadas à promoção do desenvolvimento e a aprendizagem do outro.

A importância da qualidade da relação pais-filhos sobre o desenvolvimento das crianças é verificada por estudos diversos nos últimos anos (Gomide, 2003; Gomide, Salvo, Pinheiro & Sabbag, 2005). Os autores correlacionam práticas educativas inadequadas a problemas no desenvolvimento cognitivo e social e ao desempenho acadêmico dos filhos.

Sobre a influência da interação familiar no desempenho acadêmico dos filhos, Cia, Souza Pereira, Del Prette e Del Prette (2006) mencionam que o repertório de habilidades sociais gerais e mais especificamente o de habilidades sociais educativas dos pais, pode influenciar a qualidade do envolvimento destes com seus filhos e o tipo de prática que adotam na relação com eles. Bolsoni-Silva, Del Prette e Del Prette (2000) e Koberg, Sachetti e Viera (2006) entendem que pais, ao apresentarem dificuldades interpessoais, poderão comprometer a qualidade dessas relações, além de, provavelmente, servir de modelos de comportamentos sociais inadequados para seus filhos.

Em uma revisão dos estudos sobre práticas parentais e problemas de comportamentos, Bolsoni-Silva e Marturano (2006) observaram que há uma tendência dos pais serem não contingentes no uso do reforço positivo para comportamentos pró-sociais e em punições efetivas para comportamentos indesejáveis. Consequentemente, comportamentos coercitivos são diretamente reforçados pelos membros da família, o que leva a criança a utilizá-los. Assim, quando a criança frequenta outros ambientes, passa a repetir este padrão, entendendo-se como indicadores de problemas de comportamento, déficits ou excessos comportamentais que prejudicam a interação da criança com seus pares e adultos de sua convivência.

As relações familiares despertaram o interesse dos pesquisadores, especialmente no que tange às práticas educativas, isto é, as formas utilizadas pelos pais para orientar o comportamento dos filhos (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002; Koberg, Sachetti & Viera, 2006). Segundo Gomide (2003) e Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag (2005), em seu modelo teórico acerca das sete práticas educativas que compõem o estilo parental, duas são positivas: monitoria positiva e comportamento moral. Essas práticas dizem respeito ao uso adequado de reforçadores sociais, ao desenvolvimento da empatia e ao estabelecimento de contingências reforçadoras ou punitivas para o comportamento do

filho. Dessa forma se estabelecem regras claras e consequências (sanções) para o não cumprimento das mesmas. A monitoria positiva define-se como um conjunto de práticas parentais que envolvem atenção e conhecimento dos pais acerca de onde seu filho se encontra e das atividades desenvolvidas por ele.

Cia e Barham (2006), em estudo que teve por objetivo identificar as condições de trabalho que influenciam no envolvimento do pai com o seu filho, relatam que a privação paterna ou uma interação inadequada com o pai é considerada um fator de risco para o desenvolvimento infantil. Segundo as autoras, pesquisas têm demonstrado, de modo geral, a importância do pai em participar dos cuidados com os filhos e das atividades domésticas. Segundo Cia e Barham (2006), tais comportamentos por parte dos pais contribuiriam diretamente para diminuir a sobrecarga das mães, o que melhoraria o relacionamento entre ela e o filho. Ainda os autores apontam que no relacionamento entre pai e filho, os pais indicaram que mantiveram várias formas de comunicação diariamente com os filhos, avaliaram como alta a sua participação quanto aos cuidados dos filhos e apontaram que participavam das atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos com alta frequência. Este relacionamento significativo entre pai e filho é, segundo Bolsoni-Silva e cols. (2000), precursor de um bom desenvolvimento infantil, destacando-se o desenvolvimento social.

O conceito de retardo mental destaca a necessidade do desenvolvimento das condutas adaptativas dessas pessoas, principalmente habilidades de relacionamento. Segundo a *American Association on Mental Retardation* (AAMR, 2002), a definição de retardo mental aponta uma incapacidade caracterizada por importantes limitações, tanto no funcionamento intelectual, quanto no comportamento adaptativo, expresso nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas. Essa incapacidade tem início antes dos 18 anos. O critério diagnóstico do retardo mental indica que, no caso das dez condutas adaptativas, o indivíduo há de ter déficits em pelo menos três dessas condutas. Nesta listagem aparecem categorias indicativas de comportamento (habilidades sociais, cuidados pessoais, comunicação), de condições (saúde, segurança) e de contextos de funcionamento do indivíduo (lazer e trabalho). Segundo Del Prette e Del Prette (2005), é fácil reconhecer, portanto, que além da categoria das habilidades sociais, outras mostram o caráter também interativo que implicam em demandas sociais. Habilidades sociais, portanto, são cruciais para os processos de ajustamento social dos indivíduos nos diversos contextos, portadores ou não de necessidades educativas especiais.

Rosin-Pinola, Del Prette e Del Prette (2007) referem que a expressão necessidades educativas especiais pode ser utilizada para se referir a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua pouca capacidade para aprender. O termo surgiu para evitar os efeitos negativos de expressões utilizadas no contexto educacional, como deficientes, excepcionais, subnormais, infradotados, incapacitados etc., para se referir as pessoas com deficiências cognitivas, físicas, psíquicas e sensoriais. Tem o propósito, segundo a autora, de deslocar o foco do aluno e direcioná-lo para as respostas educacionais que eles requerem, evitando enfatizar os seus atributos ou condições pessoais que possam interferir na sua aprendizagem e socialização. Uma dessas direções é o desenvolvimento de habilidades sociais que, embora não solucionem o problema orgânico ou mental, podem diminuir seus efeitos psicológicos, especialmente na comunicação com pessoas

não deficientes, maximizando a condição de vida e de socialização dessa clientela (Del Prette & Del Prette, 2005).

Segundo Paniagua (2004), ter um filho é um dos acontecimentos mais vitais para um ser humano. Os vínculos afetivos entre pais e filhos são muito intensos. Nunes (2003) e Nobre, Montilha e Temporini (2008) em seus estudos sobre as famílias com filhos com deficiência, descreve os conflitos presentes nos vínculos e os indicadores de risco no meio familiar. Estes autores concluem que esses conflitos não surgem do resultado direto da deficiência, mas da adaptação ou não a essa nova realidade.

Desde o momento em que os pais ficam sabendo da existência de uma deficiência, há muita preocupação com o presente e o futuro da criança que irá acompanhá-los por toda a vida. Muitas vezes, a criança com deficiência irá requerer muito mais cuidados físicos, assim como mais tempo de interação e mais situações de jogo ou estudo compartilhado.

Glat e Duque (2003), em uma pesquisa qualitativa com dezesseis pais de filhos com necessidades especiais, concluíram que a preocupação com a incerteza do futuro de seus filhos foi um ponto relevante nesse estudo. As autoras viram que essa preocupação faz com que eles se esforcem em dar a seus filhos uma educação que, principalmente, possa desenvolver habilidades que garantam maior independência e autonomia possível na vida adulta. Nesse estudo as autoras concluíram também, que apesar dos pais viverem suas angústias, desespero e depressão no contato íntimo e diário com seus filhos, eles tiveram inúmeras oportunidades de compensação. Conseguiram superar as crises, de acordo com suas maneiras de ser, amando e convivendo com seus filhos, apesar de todas as dificuldades.

Hanson (2003) estudou famílias em que filhos com Síndrome de Down participaram de um programa de intervenção na infância, o qual foi reavaliado vinte e cinco anos depois. Os dados mostraram que os pais percebem as características positivas da criança, considerando, por exemplo, como uma benção às experiências prazerosas das aquisições dos filhos com Síndrome de *Down*.

Feitosa (2003), em sua pesquisa sobre a relação família-escola, sugere que os pais participem ativamente das decisões relacionadas à educação de seus filhos, buscando conhecer as suas dificuldades acadêmicas e a necessidade de recursos específicos para o desenvolvimento adequado das potencialidades destes alunos.

Segundo Cia, D’Affonseca e Barham (2004), são poucos os estudos que nos permitem saber como é a qualidade do relacionamento entre pais e filhos no Brasil. Além disso, o papel do pai se encontra em fase de mudanças, sendo frequente as famílias em que ambos (mãe e pai) trabalham fora, o que tem levado a redefinição do papel paterno.

Cia, D’Affonseca e Barham (2004) estudaram, em uma amostra de cinquenta e oito pais e filhos do ensino fundamental, o impacto da qualidade do relacionamento entre estes pais e seus respectivos filhos no desempenho acadêmico. Neste estudo puderam verificar que quanto maior a frequência de comunicação entre pai e filho e a participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer, maior a pontuação das crianças em escrita e leitura e maior o desempenho acadêmico delas.

Em outra pesquisa, que teve como objetivo comparar e correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais e do envolvimento dos pais na educação dos filhos, Cia e

cols. (2006) tem duas referências apontam que os relatos passados pelos cônjuges indicam atividades diferenciadas. Por exemplo, os pais se ocupavam com maior frequência em proporcionar lazer fora de casa aos filhos e as mães em estabelecer horário de deitar-se e em controlar a higiene. Esta diferença de participação e envolvimento dos pais (mãe e pai) nos cuidados com os filhos é semelhante aos dados das pesquisas de Bertolini (2002) em que há uma divisão razoavelmente estruturada de atividades, com o homem se ocupando da parte social e de lazer e as mães com os cuidados diários da casa.

Como é possível ver, a relação entre pais e filhos é fruto de um conjunto de expectativas compartilhadas e o envolvimento dos pais com seus filhos é crucial para seu desenvolvimento físico e mental. Os pais são também modelos de conduta para seus filhos daí a importância de se mostrarem habilidosos na resolução de problemas e no trato com as situações cotidianas. No caso de pais que tem filhos com deficiência mental as habilidades sociais servem, além de tudo, de recursos para o enfrentamento dos pais e são favorecedoras do envolvimento com filhos.

Considerando a importância das habilidades sociais dos pais (pai e mãe) para o envolvimento e a qualidade na relação educativa de filhos com retardo mental e os estudos escassos focalizando especificamente as habilidades sociais educativas e a participação de cada cônjuge na educação das crianças com deficiência, esta pesquisa objetivou: (1) comparar os indicadores do repertório de habilidades sociais de pais e mães de filhos com retardo mental (2) comparar os indicadores do envolvimento na educação dos filhos de pais e mães de filhos com retardo mental e (3) correlacionar os dois conjuntos de medidas.

Método

Participantes

Participaram desta amostra vinte e sete pais e vinte e sete mães morando juntos e com um filho diagnosticado com retardo mental, matriculado em instituição para pessoas com deficiência, com idade cronológica entre sete e quatorze anos. A idade dos cinquenta e quatro respondentes variou de trinta a sessenta anos, sendo que, a grande maioria (83%) esteve entre trinta e cinquenta anos. Todos os respondentes eram casados, tendo a grande maioria, (74%) entre dois e três filhos. O grau de escolaridade dos pais caracterizou uma amostra de 79,6% entre os anos iniciais completos do ensino fundamental e o superior incompleto. Considerando o nível socioeconômico das famílias, a amostra caracterizou-se por 48,1% da classe C e 51,9% da classe D, segundo o critério Brasil (Ibope, 2000).

A coleta de dados ocorreu em uma sala da FUNLAR (Fundação Municipal Lar Escola Francisco de Paula), localizada no bairro de Vila Izabel na cidade do Rio de Janeiro. Escolheu-se este local, pois, a instituição, na qual estão matriculados os filhos desses casais, realiza vários encontros com as famílias, abordando tanto aspectos sociais como psicopedagógicos, o que facilitaria a coleta dos dados, além de criar e fortalecer vínculos com seus membros.

Instrumentos

Critério de Classificação Econômica Brasil (Ibope, 2000): divide a população em grupos de consumidores a partir da sua capacidade de consumo (que resulta em classes socioeconômicas), sendo possível classificá-la em sete diferentes grupos: A1, A2, B1, B2, C, D e E. A capacidade de consumo é verificada por tabela cuja pontuação é maior quanto mais itens e em maior quantidade a família possuir (ex: automóvel; empregada mensalista) somando a pontuação referente ao grau de instrução do chefe da família. Os dados do Critério Brasil foram pontuados de acordo com a tabela proposta pelos autores, com maior pontuação indicando maior nível socioeconômico (mais próximo de A1) do respondente.

Questionário da Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Pais (Cia, D’Affonseca & Barham, 2004) adaptado especialmente para esta pesquisa.

Além da folha de rosto para a identificação dos dados sociodemográficos, é dividido em três partes: (1) Habilidades sociais educativas dos pais para com os filhos: escala de comunicações (verbais e não verbais) entre pai e filho, segundo o pai, com 21 itens e a pontuação variando entre 1 (nunca) a 6 (uma vez por dia); (2) Participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos: escala de participação com 14 itens e a pontuação variando entre 1 (nunca) a 6 (todos os dias); (3) Participação dos pais nos cuidados de seu filho: escala de participação com 7 itens e a pontuação variando entre 1 (nunca) a 6 (todos os dias). Foi calculado o Alpha de Cronbach para cada fator do instrumento. Para avaliar a qualidade da consistência interna utilizou-se a classificação proposta por Hill e Hill (2002) que considera acima de 0,9 excelente; entre 0,8 e 0,9 bom; entre 0,7 e 0,8 razoável; entre 0,6 e 0,7 fraco e abaixo de 0,6 considerado inaceitável.

O primeiro fator obteve valor do *Alpha de Cronbach* de 0,87 e foi classificado como bom, o segundo fator obteve valor de 0,82 e também foi classificado como bom; o terceiro fator obteve 0,84 considerado também como bom. O questionário “Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Pais” como um todo obteve (0,92) e foi classificado como excelente.

Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) é um instrumento de autorrelato, composto por trinta e oito itens que descrevem situações de interação social em diferentes contextos (trabalho, lazer e família). Solicita-se ao respondente que estime a frequência com que reage a uma situação descrita em cada item, em uma escala tipo *Likert* que varia de 0 (nunca ou raramente) a 4 (sempre ou quase sempre) e avalia cinco fatores: (a) enfrentamento e autoafirmação com risco; (b) autoafirmação na expressão de sentimento positivo; (c) conversação e desenvoltura social; (d) autoexposição a desconhecidos e situações novas; (e) autocontrole da agressividade. Trata-se de um instrumento aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, com estudos psicométricos que atestam suas qualidades de validade e confiabilidade. Apesar do instrumento ter sido validado para estudantes universitários (Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette & Gerk-Carneiro, 2000) diversas pesquisas têm utilizado o mesmo instrumento para identificar habilidades sociais em adultos, inclusive pais, mães e cuidadores (Bolsoni-Silva, Brandão, Versuti-Stoque & Rosin-Pinola, 2008; Bolsoni-Silva, Silveira & Marturano, 2008; Bolsoni-Silva, Silveira & Ribeiro, 2008).

Procedimentos de coleta de dados

Uma vez explicado os objetivos e mostrando desejo de participarem do estudo, os pais assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Só a partir daí, receberam o instrumento Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Pais (Cia, D’Affonseca e Barham, 2004) adaptado e as orientações quanto ao seu preenchimento levando em conta seu relacionamento com seu filho com retardo mental. Em seguida foi aplicado o IHS-Del Prette, (2001) que foi respondido em separado pelos respondentes.

Com o objetivo de documentar as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos, dispostas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o presente projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 156/2007.

Resultados

Os resultados são apresentados de forma a contemplar três conjuntos: comparações dos escores de habilidades sociais entre mães e pais com filhos com retardo mental; comparações dos escores quanto ao envolvimento de mães e de pais com filhos com retardo mental; correlação entre os escores de Habilidades Sociais e de Envolvimento dos casais na educação de filhos com retardo mental.

Comparações entre os escores de habilidades sociais de mães e pais com filhos com retardo mental

Para avaliar se as mães de filhos com retardo mental são mais habilidosas socialmente do que os pais destes mesmos filhos, utilizou-se o teste *t* para amostras dependentes, comparando-se as médias dos pais e mães dos filhos com retardo mental nas variáveis de habilidade social conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição por fatores (IHS)

Fatores		N	M	DP	t	p
Enfrentamento Autoafirmação com Risco	Pai	27	2,43	0,56	3.292	0,003**
	Mãe	27	1,93	0,69		
Autoafirmação Expressão de Sentimento Positivo	Pai	27	2,77	0,48	-1.760	0,090
	Mãe	27	2,95	0,35		
Conversaão Desenvoltura Social	Pai	27	1,52	0,80	-3.132	0,004**
	Mãe	27	2,06	0,62		
Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas	Pai	27	1,85	0,86	-0.049	0,961
	Mãe	27	1,86	0,72		
Autocontrole da Agressividade	Pai	27	2,64	1,12	0.133	0,895
	Mãe	27	2,62	0,68		
IHS TOTAL	Pai	27	2,25	0,40	-0.161	0,873
	Mãe	27	2,26	0,35		

Nota: ** Significativo ao nível de 0,01

* Significativo ao nível de 0,05

A Tabela 1 mostra que houve diferenças significativas no Fator 1, Enfrentamento e Autoafirmação com Risco, com os pais obtendo escores superiores aos das mães ($t = 3.292$; $p = 0.003$). Este fator reúne onze itens que retratam situações interpessoais e está ligado a uma classe de habilidade social chamada assertividade que envolve enfrentamento em situação de risco de reação indesejável do interlocutor, com controle de ansiedade e expressão apropriada do sentimento, desejos e opinião. Ela implica tanto na superação da passividade, quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas (Del Prette & Del Prette, 2005). Por outro lado, conforme mostra a Tabela 1 observaram-se diferenças significativas no Fator 3, Conversação e Desenvoltura Social, com as mães obtendo escores superiores aos dos pais ($t = -3.132$; $p = 0.004$). Este fator reúne sete itens sobre situações interpessoais, demanda traquejo social na conversação o que supõe conhecimentos das normas de relacionamento do dia a dia e comportamentos razoavelmente padronizados inerentes aos encontros sociais breves e ocasionais. Estão ligados à classe de habilidade social de Civilidade, que expressa cortesia e algumas habilidades de conversação como apresentar-se, despedir-se e agradecer utilizando formas delicadas de conversação (Del Prette & Del Prette, 2005).

Comparações entre os escores de envolvimento das mães e pais com filhos com retardo mental

Quanto ao envolvimento das mães e pais de filhos com retardo mental na educação dos filhos, os dados foram avaliados pelo teste t para amostras dependentes, comparando as médias dos pais e mães dos filhos com retardo mental nas variáveis de envolvimento na educação dos filhos. Para tanto se investigou a frequência das respostas dos pais e mães nos três fatores de Habilidades Sociais Educativas de Comunicação, Participação (Escola, Cultura e Lazer) e Participação (Cuidados) do QIFVP. A Tabela 2 mostra as médias das respostas dos respondentes em que claramente nota-se que as médias das mães são bem superiores aos dos pais.

Tabela 2 – Descrição por fatores QIFVP

Fatores		N	M	DP	t	p
Habilidades Sociais Educativas de Comunicação (Verbais e Não Verbais)	Pai	27	4,45	0,73	-5.028	0,000**
	Mãe	27	5,18	0,67		
Participação (Escola / Cultura / Lazer)	Pai	27	3,63	0,87	-6.695	0,000**
	Mãe	27	4,87	0,73		
Participação (Cuidados)	Pai	27	3,58	1,17	-8.833	0,000**
	Mãe	27	5,66	0,39		

Nota: **Significativo ao nível de 0,01

*Significativo ao nível de 0,05

Foram observadas, conforme os dados da Tabela 2, diferenças significativas no fator referente às Habilidades Sociais Educativas de Comunicação (Verbais e Não Verbais), com as mães obtendo escores superiores aos dos pais ($t = -5.028$; $p = 0.000$). No fator referente à Participação (Escola / Cultura / Lazer), também as mães obtiveram escores superiores aos dos pais ($t = -6.695$; $p = 0.000$), bem como no fator referente à Participação (Cuidados), em que mais uma vez as mães obtiveram escores superiores aos dos pais ($t = -8.833$; $p = 0.000$). Tais evidências apontam que mães de filhos com retardo mental são mais envolvidas na educação dos filhos do que os pais destes mesmos filhos.

Correlações entre os escores de habilidades sociais e de envolvimento dos casais na educação de filhos com retardo mental

Para verificar se casais com maiores escores de habilidades sociais são aqueles que demonstram maior envolvimento na relação com os filhos com retardo mental, utilizou-se o teste de correlação linear de Pearson, buscando-se correlação positiva entre escores de habilidades sociais e envolvimento na educação dos filhos.

Tabela 3 – Correlação entre escores HS e QIFVP

	Habilidades Sociais Educativas de Comunicação		Participação (Escola / Cultura / Lazer)		Participação (Cuidados)	
	r	p	r	p	R	p
Enfrentamento autoafirmação com risco	0,033	0,813	-0,053	0,705	-0,282*	0,039*
Autoafirmação expressão de sentimento positivo	0,036	0,793	0,201	0,145	0,296*	0,030*
Conversaão desenvoltura social	0,055	0,694	-0,120	0,388	0,208	0,132
Autoexposição desconhecidos situações novas	-0,192	0,165	0,120	0,387	0,047	0,734
Autocontrole agressividade	0,115	0,406	0,218	0,113	-0,081	0,562
IHSTOTAL	0,055	0,695	0,121	0,385	0,003	0,986

Nota: **Significativo ao nível de 0,01

*Significativo ao nível de 0,05

Como se observa na Tabela 3, apenas os fatores Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo (F2-Habilidades Sociais) e Participação (Cuidados) do QIFVP apresentaram uma associação positiva e significativa ($r = 0.296$; $p = 0.030$). Por outro lado, os fatores Enfrentamento e Autoafirmação com Risco (F1-Habilidades Sociais) e Participação (Cuidados) apresentaram uma associação negativa e significativa ($r = -0.282$; $p = 0.039$). As demais correlações não foram significativas. O que podemos constatar, de acordo com as evidências expressas pela análise estatística, é que casais que têm grande facilidade de expressar seus sentimentos positivamente são aqueles que demonstram maiores cuidados com seus filhos com retardo mental e ainda que casais que se envolvem

nos cuidados pessoais de seus filhos são aqueles que têm mais dificuldade de enfrentarem assertivamente as dificuldades de seus filhos evidenciando a influência das habilidades sociais no envolvimento de pais com seus filhos.

Discussão

Quanto ao primeiro conjunto de resultados, *comparações entre os escores de habilidades sociais de mães e pais com filhos com retardo mental*, verifica-se que em relação ao Fator 1, enfrentamento e autoafirmação com risco em que os pais (homens) apresentam escores bem superiores de assertividade em relação aos das mães. Cia, Pamplin e Del Prette (2006), em seus estudos sobre comunicação e participação pais-filhos afirmam que, pais que se comportam assertivamente com os filhos, podem estar monitorizando os próprios comportamentos passivo e agressivo que levariam às práticas educativas ineficientes, como negligência e coerção. Desta forma, com este monitoramento, estariam sendo modelos assertivos para seus filhos. Pode-se, supor, que no caso de crianças com retardo mental, este modelo de pai, melhoraria muito os repertórios de comportamento de autonomia de seus filhos, bem como os avanços nas relações interpessoais. No Fator 3, conversação e desenvoltura social, em que as mães obtiveram médias significativamente superiores as dos pais e está ligado as habilidades sociais de civilidade, Cia, Souza Pereira, Del Prette e Del Prette (2007), identificando e analisando o repertório de habilidades sociais de mães, concluíram que este fator, efetivamente, é importante para incentivar os filhos a participarem de atividades, tanto no colégio como em outros contextos. Relatam ainda as autoras que a comunicação com os filhos normalmente é permeada por sentimentos positivos e é crucial que estes sentimentos sejam expressos de forma verbal e não verbal. Neste sentido, corroborando os dados verificados neste estudo, as mães estariam, provavelmente, ajudando seus filhos com retardo mental, fazendo uso da comunicação não verbal, com a intenção de minimizar déficits nesta área.

Para o segundo conjunto de resultados, *comparações entre os escores de envolvimento das mães e pais com filhos com retardo mental*, os dados deste estudo demonstram que as mães relataram alta frequência nos indicadores de envolvimento com seus filhos com retardo mental através do Questionário Qualidade da Interação Familiar na Visão dos Pais (Cia, D’Affonseca & Barham, 2004). Segundo Cia e cols (2007), esses indicadores favorecem ao desenvolvimento infantil saudável, mormente ao desenvolvimento socioemocional, abrangendo também cognição e desempenho na escola. Por esses estudos, os autores concluem que o envolvimento das mães na educação de seus filhos é importante, ainda mais, diante da fase de transição em que as crianças da amostra se encontram (começo do ensino fundamental). Segundo os autores, nesta fase, o ajustamento no ambiente escolar, muito em função das novas relações que requerem novas regras de comportamento moral e social, vão exigir dos pais maior assistência (Del Prette & Del Prette, 2005).

Transportando esses resultados para os estudos de famílias de filhos com retardo mental, verifica-se a mesma preocupação das mães com os cuidados das crianças. Apesar da ênfase que se deve dar aos processos de interação social (Araújo, 2006; Riches, 1996), os cuidados que as mães têm, principalmente no tocante à higiene, à alimentação, levar ao médico, acordar e cuidar de madrugada (as médias mais altas, Tabela 2) são constantes

mesmo na faixa etária bem acima das idades de crianças em início do ensino fundamental com desenvolvimento normal. A responsabilidade das mães por aspectos que são cruciais no desenvolvimento da autonomia de seus filhos em famílias de crianças com retardo mental, ainda é bem maior do que a responsabilidade dos pais (homens). Embora os modelos atuais de paternidade preconizem uma participação (cuidados) mais próxima com os filhos, ideias, crenças e comportamentos tradicionais do papel do pai e da mãe, permanecem enraizados no cotidiano das famílias (Rangel, 2006), principalmente nos contextos familiares de crianças com retardo mental.

Segundo Rapoport e Piccinini (2006), a experiência da maternidade traz muitas mudanças, especialmente para a mãe, que se adapta a esta nova realidade de acordo com suas características pessoais e com a sua habilidade de solicitar e aceitar apoio de outras pessoas. Quanto mais a mãe se mostra apoiada socialmente mais ela se apresenta em condições para responder a situações estressantes, entretanto nem todas as mães conseguem pedir ajuda ou até mesmo recebê-la e algumas têm maior dificuldade em compartilhar os cuidados do bebê, mesmo tendo uma rede de apoio disposta a ajudá-la.

Segundo Navarini e Hirdes (2008), mulheres que experienciam a maternidade de filhos com retardo mental tem a necessidade de incorporar à doença a vida cotidiana, utilizando recursos adaptativos tais como lidar com os encargos objetivos e subjetivos de ter um filho portador de um transtorno mental, o estigma e outros sentimentos decorrentes. Muitos familiares sentem culpa, mas acima de tudo existe a preocupação com o bem-estar do filho.

De acordo com Pereira, Dessen e Pereira Silva (2005), recentemente, o relacionamento marital estaria sendo apontado como um fator importante para a qualidade das relações que os pais mantêm com os seus filhos. Segundo as autoras, a convivência entre cônjuges, quanto às formas de comunicação e estratégias para resolver os problemas, estariam influenciando a criação de estilos parentais de cuidados dos filhos e a qualidade dessas relações. No que tange às situações de conflito, os autores relatam que seus estudos estão em consenso com a literatura em que mães insatisfeitas tendem a compensar seus filhos sendo mais responsivas e envolvendo-se mais com suas crianças. Por outro lado, pais emitem condutas negativistas e intrusivas em relação aos seus filhos, afastando-se do convívio mais direto, apesar de viverem sob o mesmo teto. É possível que no caso da amostra de pais e mães de filhos com retardo mental isto esteja ocorrendo, principalmente, com relação ao estresse vivenciado pelo pai, oriundo das dificuldades financeiras, e pelo fato de ter um filho com retardo mental. Afinal, os sentimentos e as representações familiares que existiam anteriormente ao nascimento deste filho, se deterioram gerando uma crise de identidade neste pai. Segundo Glat e Duque (2003), tudo aquilo que era dado como certo é questionado e desqualifica-se. Por outro lado, este envolvimento das mães de filhos com retardo mental, principalmente com relação aos cuidados, levou-a a caminhar a procura de tratamento para seus filhos. Miltiades e Pruchno (2001) realizaram um estudo com mães de filhos adultos com deficiência e chegaram à conclusão que essas mulheres ainda continuam vivendo situações de cuidado e de responsabilidades pela vida de seus filhos, assumindo um papel vitalício de cuidadoras. Estão sempre procurando manter as diversas formas de tratamento, em infindáveis negociações com as instituições de reabilitação ou redes de apoio. Em função dessa demanda, pode-se supor que tenham

adquirido habilidades de traquejo na conversação, o que supõe conhecimento das regras e normas de relacionamento, o que ratificaria os resultados desse estudo, quando da verificação dos indicadores do repertório de habilidades sociais da amostra de mães de filhos com retardo mental.

Para o terceiro conjunto de resultados, *correlações entre os escores de habilidades sociais e envolvimento de casais na relação com os filhos com retardo mental*, considerando a relação entre os cinco fatores que fazem parte da escala de habilidades sociais e as medidas do envolvimento entre cônjuges e seus filhos com retardo mental, pôde-se verificar que a assertividade (F1) dos casais estabelece uma relação inversa com o nível de cuidados atribuídos ao filho.

Segundo os estudos de Cia e cols. (2006), culturalmente no Brasil, ambos os pais têm liberdade de expressarem seus direitos e a mostrarem para seus filhos que eles têm também direitos e deveres.

Quanto mais os casais se envolvem com os cuidados de seus filhos mais parecem não se utilizarem da assertividade, talvez por interpretarem que seus filhos não estão aptos a corresponder às exigências sociais e cognitivas de outros indivíduos sem deficiência mental.

Quanto ao F2, autoafirmação na expressão de sentimento positivo, correlacionou-se significativamente de forma positiva com o fator Cuidados quando avaliaram o envolvimento de ambos os pais com seus filhos. De fato, segundo Cia e cols. (2006), espera-se que mães e pais expressem sentimentos positivos como carinho, cuidado e atenção durante suas relações com seus filhos com retardo mental, favorecendo a qualidade do relacionamento.

Considerações finais

Este estudo procurou investigar se as habilidades sociais dos pais (pai e mãe) se relacionam com o envolvimento na educação dos filhos com retardo mental. Em geral, os resultados indicam que os pais são mais assertivos que as mães e as mães tem melhores habilidades de conversação e desenvoltura social que os pais. As mães são mais envolvidas que os pais na educação, nas atividades escolares, de lazer e culturais e no cuidado dos seus filhos. Verificou-se também que existe correlação positiva entre expressão de sentimentos positivos e cuidados dedicados aos filhos e correlação negativa entre assertividade e cuidados dedicados aos filhos, ou seja, as mães se envolvem mais com seus filhos tanto nos cuidados pessoais quanto da educação e os pais são mais assertivos e normatizadores da conduta dos filhos.

Este trabalho permitiu entender melhor a influência que as habilidades sociais podem ter para o envolvimento dos pais com seus filhos ainda que a amostra tenha sido pequena devido ao fato de se encontrarem muitos casais que viviam com seus filhos e suas companheiras e não eram casados, ou que casados, não eram pais biológicos, mas que se diziam participantes e envolvidos com seus filhos nos diversos ambientes partilhados. Nesse sentido, ficaram impossibilitados de participar da amostra e isso se apresentou como uma limitação do estudo, assim como o uso de um instrumento ainda não normatizado.

A investigação da dinâmica familiar e o estresse enfrentado pelos pais de crianças com retardo mental mostraram a existência de fatores interessantes que carecem de

intervenções que possam possibilitar o favorecimento de um ambiente acolhedor e de melhor qualidade do suporte parental. Também ao minimizar o estresse parental, isso estaria indo no sentido da melhoria da qualidade de vida desses pais e a condução da criança ao seu potencial máximo.

O encontro com os pais que desenvolvem não apenas o papel de provedor, mas principalmente, participantes das atividades escolares, culturais e de lazer, educando e dividindo atividades de cuidado da criança, interagindo adequadamente, brincando, estimulando, favorecidos com um bom repertório de habilidades sociais, visualiza um caminho aberto para investigações com a figura do pai.

Referências

- American Association on Mental Retardation (2002). *Mental retardation: definition, classification and systems of supports*. Washington, DC: AAMR.
- Araújo, J. N. G. (2006). Relações sociais: as trocas e os mitos de um mundo sem trocas. *Psicologia USP*, 17(1), 155-179.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). *Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante*. *Estudos de Psicologia*, 5, 401-419.
- Bertolini, L. B. A. (2002). *Relação entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar*. São Paulo: Vetor.
- Bertolini, L. B. A. (2002). *Relação entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar*. São Paulo: Vetor.
- Bolsoni-Silva, A. T., Brandão, A. S., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: Um estudo piloto. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28, 18-33.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2000). Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2006). A qualidade da interação “pais e filhos e sua relação com problemas de comportamentos de pré-escolares”. Em: M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 89-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, 27, 126-138.
- Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Marturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(2), 125-142.
- Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Ribeiro, D. C. (2008). Avaliação dos efeitos de uma intervenção com mães/cuidadoras: contribuições do Treinamento em Habilidades Sociais. *Revista Contextos Clínicos*, 1, 19-27.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.

- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai-filho. *Psico-USF, 11*(2), 257-264.
- Cia, F., D'Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, 14*(29), 277-286.
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia, 16*(35), 395-408.
- Cia, F., Pereira, C. de S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo, 11*(1), 73-81.
- Cia, F., Pereira, C. de S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais de mães e envolvimento com os filhos: Um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, 24*(1), 3-11.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2002). *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2004). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho de grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Feitosa, F. B. (2003). *Relação familiar-escola: como pais e professores avaliam e reagem ao repertório social de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Carlos, São Carlos, São Paulo.
- Garcia-Serpa, F. A., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Meninos pré-escolares empáticos e não empáticos: relação com a empatia e procedimentos educativos dos pais. *Revista Interamericana de Psicologia, 40*(1), 71-88.
- Glat, R., & Duque, M. A. T. (2003). *Convivendo com crianças especiais: o olhar paterno*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. Em: A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *PsicoUSF, 10*(2), 169-178.
- Hanson, M. (2003). *Twenty-five years after early intervention: a follow-up of children with down syndrome and their families*. *Infants and Young Children, 16*(4), 354-365.
- Ibope. (2000). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Disponível: <<http://www.ibope.com.br/critério/brasil/>> Acessado: 08/2006.
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano, 16*(2), 96-102.

- Miltiades, H. B., & Pruchno, R. (2001). Mothers of adults with developmental disability: change overtime. *American Journal of Mental Retardation*, 106(6), 548-561.
- Navarini, V., & Hirdes, A. (2008). A família do portador de transtorno mental: Identificando recursos adaptativos. *Texto Contexto Enfermagem*, 17(4), 680-688.
- Nobre, M. I. R. S., Montilha, R. C. I., & Temporini, E. R. (2008). Mães de crianças com deficiência visual: percepções, conduta e contribuição do atendimento em grupo. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 18(1), 46-52.
- Nunes, B. (2003). La familia com um hijo com discapacidad: sus conflictos vinculares. *Archives Argentinian of Pediatrics*, 101(2), 133-142.
- Paniagua, G. (2004). As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. Em: C. Coll, A. Marchesi & J. Palácios (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*, (pp. 330-346). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, M. B., Dessen, M. A., & Pereira Silva, N. L. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8(2), 151-161.
- Rangel, C. R. (2006). *Masculino e feminino no contexto de família: representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 85-96.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise de práticas educativas e dos estilos parentais. Em: C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégicos de intervenção* (pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Riches, V. (1996). *Everyday social interaction. A Program for people with disabilities*. Baltimore: Paul H. Books Publishing Co.
- Rosin-Pinola, A. R., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais e problemas de comportamento de alunos com deficiência mental, alto e baixo desempenho acadêmico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(2), 239-256.
- Salvo, C. G., Mazzarotto, I. H. K., & Lohr, S. S. (2005). Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(1), 46-55.

Recebido em maio de 2009

Aprovado em março de 2010

Alcides Cardozo: Psicóloga; Mestre em Psicologia Social (Universidade Salgado de Oliveira – Universo/ Niterói-RJ)

Adriana Benevides Soares: Psicóloga; Mestre e Doutora em Ciências Cognitivas (Université de Paris Sud); Professora da Universidade Salgado de Oliveira (Universo/ Niterói-RJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Endereço eletrônico para contato: alcidescardozo@yahoo.com.br